

IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO



segunda-feira
MATTHEW SHIRTS
LÚCIA GUIMARÃES

terça-feira
ARNALDO JABOR

quarta-feira
ROBERTO DAMATTA

quinta-feira
LUIS FERNANDO VERISSIMO

sexta-feira
IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO
MILTON HATOUM

sábado
MARCELO RUBENS PAIVA
ADRIANA FALCÃO

domingo
VERISSIMO
JOÃO UBALDO RIBEIRO
DANIEL PIZA

A dura tarefa de enfrentar crianças

PASSO FUNDO, RS

Independente do desca- so que o Conselho Estadual de Cultura do Rio Grande do Sul sistematicamente dedica ao seu maior evento, a Jornada de Literatura de Passo Fundo continua inabafável em matéria de público, contemporaneidade e avanço na formação de leitores. No fundo, a atitude pequena e medíocre do conselho, formado por provincianos, acaba se transformando em sabotagem à política cultural da governadora Yeda Crusius, que acaba pagando um ônus não devido, a Jornada é um movimento para a construção de leitores. Cito aqui a professora Tânia Rösing que não usa e não gosta da palavra evento, prefere movimento, que indica ação, progressão, ir em frente. Durante cinco dias a cidade ferve, os hotéis lotam, centenas de ônibus vindos de cidades vizinhas (ou distantes) se alinham no gigantesco estacionamento.

Seis mil professores (admiro o sacrifício que a maioria faz, deslocando-se de cidades distantes, levada pela paixão por livros, literatura, aprendizado), estudantes de letras e 15 mil crianças passam o dia dentro de um território mágico, que abriga a lona principal, colorida, imensa, as quatro "loninhas" (cada uma com mil crianças) da Jornadinha, o centro de convivência, a livraria da universidade, a sala de exposições, os auditórios, a praça de alimentação. Entre participantes e visitantes, 30 mil pessoas circularam pelo câm-

pus da UPF que tem uma emissora, a Rádio Poste, uma televisão local, uma sala de imprensa, de onde correspondentes e blogueiros enviam para jornais e internet tudo o que se passa. Espalhadas pelas salas da universidade há oficinas, cursos, minipalestras, conferências e encontros menores. Menores em matéria de público, entendam.

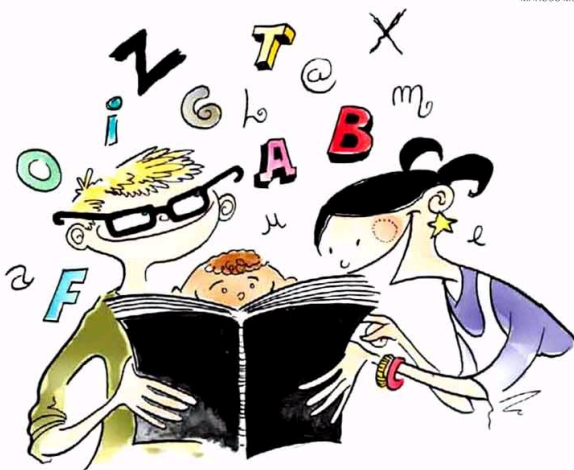
Um desses encontros tem sido sempre com os membros da Academia Brasileira de Letras, presidida por Cicero Sandroni. A Jornadinha é memorável e agora sei na pele o que ela significa. Durante dois dias passei pelas loninhas para falar de meu recente livro infantil *Os Escorpões Contra o Círculo de Fogo*. Aprendi, acompanhado por dois craques no gênero, Anna Claudia Ramos e Hermes Bernardi Jr. (com quem dividi o palco segunda-feira passada, dia 2, na Feira de Porto Alegre), e testemunhei o poder de fogo da literatura infantil. Passávamos por uma lona, falávamos e respondíamos a perguntas por 40 minutos, seguíamos para a lona seguinte. A meninada, excitada, nos enchia de questões. Calor insuportável, mas as crianças ali quietas, na medida do possível. Eu, aterrorizado. Esse tipo de público é implacável, ou você domina ou é dominado. Aliás, vi o talento de persuasão de Pedro Bandeira, homenageado deste ano. A meninada ficou siderada com ele. Pedro fala, canta, ri, chora, grita, vira mau, vira bom, vira menina, imita bicho, faz tudo. Não é por acaso,

nem por sorte, que vendeu 21 milhões de exemplares.

Avassaladora é como a Jornada foi definida pelo roteirista Guillermo Arriaga, pelo holandês Wim Veen e pelo designer criador de museus virtuais Marcelo Dantas, dos mais aplaudidos da semana, chamada de espantosa por Pedro Bandeira e fulminante por Tom Zé. A polêmica e a inovação ficaram por conta de Wim Veen, que mostrou como videogames e internet não prejudicam o aprendizado, ao contrário, são aliados

que o ensino linear pode estar com os dias contados. A Jornada deste ano, dedicada a discutir Arte e Tecnologia: Novas Interfaces, enfrentou primeiro a crise econômica mundial, depois a crise brasileira, com os patrocinadores se retraindo, em seguida a gripe suína, então surgiu a chamada Primavera de Chuvas e, enfim, a mesquinhez do Conselho de Cultura. Porém, a Jornada, transferida do frio de agosto, para o calor de outubro, aconteceu. Quem duvidava não conhece Tânia Rös-

ing, que voou por todo o país, foi mil vezes a Brasília, gritou, esperneou, convenceu. Levou a Passo Fundo três nomes de peso. Fernando Haddad, ministro da Educação; Fabiano dos Santos, diretor do Livro, Leitura e Literatura do Ministério da Cultura (que desenvolveu no Ceará um projeto maravilhoso, o dos Agentes de Leitura) e José Castilho Marques Neto, diretor executivo do Plano Nacional do Livro e Leitura. Tânia Rösing reconheceu que Fabiano e Castilho foram ferramentas poder-



MARCOS MÜLLER

sas na realização da Jornada.

Vou a Passo Fundo desde 1985. Depois da morte de Josué Guimarães, um dos pioneiros da Jornada, escritor ícone, uma espécie de plebiscito local me levou para a mesa como coordenador. Depois chegaram Alcione Araújo e Julio Diniz e desde então somos um trio que segura a peteca no palco. É um público que espera tudo, até que o trio, por eles chamado de Os Três Tenores, cante. A Jornada circula por dentro de nós como necessidade vital, sangue, músculos, os dias de Passo Fundo nos revigoram, reenergizam. Na Jornada, os astros são a literatura e os escritores, o foco é todo sobre eles. O público leu os livros dos que estão no palco, sabe que perguntar, o trabalho se inicia meses antes. É um movimento com caráter multiplicador.

Independente das falas e debates, dos encontros cara a cara com os leitores, das centenas de perguntas a que todos respondem, das milhares de fotografias (todo mundo tem um celular e nossas imagens estão pelo mundo; será que perdemos a alma?), lembro-me de uma frase de Ziraldo, anos atrás: "A Jornada é um momento em que cada escritor se sente o Roberto Carlos." Sabem o que é subir no palco e enfrentar seis mil pessoas? Sendo que 90% são mulheres. Os homens não estudam mais Letras no Brasil? Do Sul para o Nordeste. Hoje à tarde sigo para Maceió, para a Bienal do Livro de Alagoas. ●